

BABILÔNIA SELÊUCIDA: HELENIZAÇÃO OU ISOLAMENTO? EVERGETAS, RAINHAS E AMIGOS NAS FONTES GREGAS E ACADIANAS DA CULTURA ESCRIBAL BABILÔNICA (SÉCS. IV E III AEC)¹

Santiago Colombo Reghin²

Fábio Augusto Morales³

Resumo: *Após as guerras entre os sucessores de Alexandre no final do século IV AEC, o império selêucida afirmou-se como uma das três potências de primeira ordem do mundo helenístico, estendendo-se da Índia ao Mediterrâneo. Diante da grande diversidade cultural e sociopolítica das várias regiões do império, a dinastia adotou formas diferentes de construção da autoridade. Este artigo discute tal processo a partir da Babilônia, um dos centros mais importantes do império, onde os selêucidas confiaram aos sacerdotes do templo de Esagila, dedicado ao deus Marduk, a posição de retransmissores locais do poder imperial, promovendo uma interação entre a cultura escribal babilônica e a koiné helenística. Para discutir os modos desta interação, primeiramente, identificamos a forma como os textos histórico-literários babilônicos e as inscrições se envolvem com topoi literários e conceitos da koiné helenística. Em segundo, analisamos o modo como os sacerdotes relacionaram esses motivos helenísticos àqueles de sua tradição. A partir desses dois passos, argumentamos que os textos babilônicos mostram três novas tendências ligadas à cultura helenística e à ideologia selêucida – isto é, o foco nas rainhas, a valorização dos amigos do rei (*philioi toū basiléōs/kēn šarri*), e o engajamento com o discurso evergético. Com isso, argumentamos que, além de incorporar topoi típicos da literatura helenística, a apropriação desses temas representa uma ten-*

¹ Recebido em 21/05/2024 e aprovado em 16/12/2024.

² Doutorando em História em regime de dupla titulação entre a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e a Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne. E-mail: santiago.cr@usp.br. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) (n.º 2024/03481-4). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7212-2539>.

³ Professor de História Antiga e do Programa de Pós-graduação em História (PPGH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Email: fabio.morales@ufsc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9942-5011>.

tativa dos sacerdotes babilônicos em entender o funcionamento do império selêucida a partir de seus próprios conceitos helenísticos.

Palavras-chave: *Babilônia Helenística; Império Selêucida; Cultura es-cribal; Literatura helenística; Templo de Esagila.*

BABYLONIAN SCRIBAL CULTURE: HELLENISTIC TRENDS AND THE IMPACT OF THE SELEUCID EMPIRE (4th and 3rd century BCE)

Abstract: *After the wars between Alexander's successors at the end of the 4th century BCE, the Seleucid Empire established itself as one of the three leading powers in the Hellenistic world, stretching from India to the Mediterranean. Faced with the great cultural and socio-political diversity in the various regions of the empire, the dynasty adopted different ways of establishing authority. The article discusses this process from Babylon, one of the most important centers of the empire, where the Seleucids entrusted the priests of the temple of Esagila, dedicated to the god Marduk, with the position of local relays of imperial power, promoting an interaction between Babylonian scribal culture and Hellenistic koiné. To discuss the modes of this interaction, first, we identify the way that the Babylonian Historical-Literary texts and inscriptions engage with literary topoi and concepts from the Hellenistic koiné. Second, we analyze how the priests relate these Hellenistic motifs with the ones from the Babylonian tradition. From these two steps we argue that the Babylonian scholarly texts show three new trends linked to the Hellenistic culture and Seleucid ideology—that is, the focus on queens, the valorisation of the king's friends (*phíloi toû basileôs / kén̄ šarri*), and the engagement with the euergetical discourse. All these were recurrent motifs in Hellenistic historiographical and literary texts beyond Babylon. We argue that, besides incorporating topoi typical of the Hellenistic literature, the appropriation of these themes represents an attempt by the Babylonian priests to understand the functioning of the Seleucid empire by their own Hellenistic concepts.*

Keywords: *Hellenistic Babylon; Seleucid Empire; Scribal Culture; Hellenistic Literature; Esagila temple.*

Introdução

A conturbação política e militar no leste do Mediterrâneo e no Oriente Próximo durante as últimas décadas do século IV AEC⁴ foram de tama-

⁴ Doravante, a não ser quando sinalizado, todas as datas são anteriores à Era Comum (AEC).

nha importância que, na visão da historiografia moderna, configuraram um novo marco temporal e espacial. Eles são, respectivamente, o período e o mundo helenístico, abarcando diversas regiões, do Mediterrâneo à Ásia Central, entre a morte de Alexandre em 323 e a queda do último império helenístico diante de Roma, em 31. Os modos e as intensidades da reconfiguração política, econômica e demográfica do período, tanto no âmbito mediterrânicoo quanto próximo-oriental, têm sido amplamente debatidos pela historiografia. Neste texto, nosso enfoque é a interação entre fatores globais e regionais, tomando como base as fontes literárias produzidas no templo babilônico do Esagila, dedicado ao deus Marduk, entre o final do século IV e início do século III, quando a cidade da Babilônia passa a fazer parte do império construído pelo general macedônio Seleuco, fundador da dinastia selêucida.

Para tanto, dividiremos o presente artigo em duas partes. Na primeira, detalharemos o contexto político e cultural do início do período helenístico, focalizando o Império Selêucida. Em seguida, abordaremos o templo de Esagila e o conceito de cultura escribal, e introduziremos os principais gêneros textuais trabalhados. Na segunda, analisaremos os textos babilônicos concentrando-nos em três tópicos recorrentes: as rainhas, os amigos do rei e o discurso evergético. A partir da comparação entre esses textos e a literatura difundida ao longo do mundo helenístico, argumentaremos que os sacerdotes incorporaram *topoi*, conceitos e vocabulários helenísticos na sua cultura escribal. Finalmente, proporemos que essa incorporação se deu de modo estratégico, visando melhor compreender as novas estruturas imperiais e melhor negociar com a corte selêucida.

O império selêucida e a Babilônia no mundo helenístico

A conformação do mundo helenístico iniciou-se com a expansão da dinastia argéada para a Ásia e a consequente queda do Império Aquemênida. Contudo, foram principalmente a morte prematura de Alexandre III, o Grande, e a dissolução de seu território, a partir das guerras entre seus principais generais, que estabeleceram a geopolítica multipolar, composta por diferentes impérios macedônicos, característica do período⁵. Apesar de

⁵ Julien Monerie (2018, p. 129-140, 172-173), analisando a região da Babilônia, e Frank Holt (1999, p. 33-38), analisando a Bactria, elencam o período da Guerra dos

esses eventos formatarem a interação entre diferentes estados (pequenos reinos ou impérios) em um mesmo sistema (Eckstein, 2006, p. 79), as regiões que compunham o mundo helenístico foram afetadas e responderam de forma diversa a essa nova configuração (Kosmin, 2018, p. 108). A cidade da Babilônia, o enfoque deste artigo, foi um dos principais teatros de guerra entre os sucessores, devido à sua posição como capital, apontada por Alexandre III (Estrabão 15.3.9-10), assim, abrigando parte importante da infraestrutura e do tesouro imperial. Após a morte do imperador, o controle da Babilônia foi disputado por diversos generais, destacamos os dois principais. O primeiro, Antígonos Monoftalmo, foi contemporâneo de Filipe II e um dos mais experientes generais de Alexandre. O segundo, Seleuco, era contemporâneo de Alexandre e general de mais baixa patente durante as conquistas, mas que ascenderia ao primeiro escalão nos primeiros anos da Era dos Sucessores, sendo indicado como sátrapa da Babilônia em 321, após liderar a conspiração contra o primeiro regente do império, Pérdicas. Em 316, Antígonos se instala na Babilônia e mantém boas relações com Seleuco; no entanto, em poucos meses a relação se deteriora, e Seleuco foge para o Egito, de onde retorna somente em 311. Em 309, Seleuco derrota as tropas leais a Antígonos na Babilônia, na Média e na Pérsia; até que, em 305, estabelece boa parte do seu território e se proclama basileu, inaugurando a “Era Selêucida” no Oriente Próximo (Monerie, 2018, p. 128 e Van Der Spek, 2014; para uma discussão abrangente do tema da temporalidade selêucida, cf. Kosmin, 2018).

O estabelecimento das dinastias macedônicas na África e na Ásia foi acompanhado de uma significativa migração de habitantes do Egeu, seja como soldados, mercenários, mercadores etc. Tal reconfiguração demográfica impulsionou mudanças culturais significativas. Elas envolvem – não exclusivamente, mas majoritariamente – a irradiação da língua grega, bem como desenvolvimento de ideias, formas e objetos enraizados nas culturas

Sucessores (entre o fim do séc. IV e início do III) – e não a chegada de Alexandre – como o momento de maior ruptura nas organizações sociais e econômicas do mundo helenístico. Isso se deu, em larga medida, porque Alexandre continuara parte das estruturas aquemênidas, enquanto concentrava-se na expansão de seu império a leste. Já o período dos sucessores apresentou guerras mais intensas entre as parcelas fragmentárias do Império Argéada, financiadas, em grande parte, pelos acúmulos das campanhas de Alexandre e pelas reservas do tesouro aquemênida.

gregas e macedônicas⁶. Kostas Vlassopoulos (2013, p. 19-21) argumenta que já durante o período em questão esses traços culturais globalizados ao longo do território dos impérios eram reconhecidos como uma *koiné* [κοινή]⁷ – uma comunidade na qual significados são compartilhados a partir de práticas simbólicas e materiais. Um *locus privilegiado* de produção e mobilização desta *koiné* foi justamente a corte das monarquias helenísticas⁸. A dinastia selêucida não foi uma exceção. Ao abrigar tanto veteranos macedônios e gregos quanto membros das elites das várias regiões do império – que no século III estendeu-se da Índia à Síria, da Bactria à Pérsia –, a corte selêucida foi um importante espaço de comunicação intercultural (Stevens, 2019, p. 343-354).

As interpretações sobre o impacto de tal contato entre as tradições locais e sobre a *koiné* helenística podem ser, *grosso modo*, divididas em duas vertentes. De um lado, há aqueles que ressaltam a interação intercultural, com proeminência da cultura grega; do outro, há aqueles que defendem que as diferentes culturas permaneceram isoladas entre si, e consequentemente as culturas locais ficaram inalteradas. Como exemplo da primeira vertente, temos o paradigmático Gustav Droysen. Admitindo refletir sobre o tema com poucas fontes (escrevendo antes do advento da Assiriologia), Droysen (1877b, vol. I, p. 67) concebe o período helenístico como um momento de intensas transformações na Síria e na Mesopotâmia. Ele as considera como uma zona de

⁶ Evidentemente, a difusão e a apropriação de traços culturais no período helenístico não podem ser resumidos somente àqueles relacionados à cultura grega e macedônica. Diversos elementos babilônicos (cf. Stevens, 2019, p. 33-93), persas (cf. Strootman, 2017) e egípcios (cf. Vlassopoulos, 2013, p. 280-283) espalharam-se ao longo dos impérios. Para uma revisão crítica da historiografia que concebia o período helenístico como um momento de pura helenização e aculturação, cf. Ian Moyer (2011, p. 11-36). Para uma discussão sobre os diversos processos de globalização e glocalização da cultura grega e outras no período helenístico, cf. Vlassopoulos (2013, p. 278-320).

⁷ Transliteraremos somente os termos gregos que serão analisados a fundo. Quanto ao acadiano e ao sumério, transliteraremos todos os termos.

⁸ A rivalidade entre os impérios helenísticos não se manifestou apenas nos frequentes conflitos bélicos (cf. 3.1.2), mas também na produção de conhecimento, promoção de festivais e banquetes, procissões [*pompé*], tal como no acúmulo de títulos em jogos (Strootman, 2007, p. 213-214, 2018a). Longe de isolar as cortes, a competição e a ostentação dessas conquistas incentivaram a comunicação, a interação e, principalmente, a provocação entre os reinos (Dillery, 2015, p. 14).

helenismo intenso, transformadas em uma verdadeira “Macedônia asiática” (*asiatisches Makedonien*), onde a paisagem foi renomeada segundo os rios e as montanhas da pátria (*Heimat*) de origem dos imperadores; sendo alvo dessas reformas intensas por ser “a principal região do poder selêucida” (*es ist das Hauptland der Seleukidenmacht*). Como exemplo da segunda vertente, Claire Préaux (2003, p. 680) propõe uma crítica ao helenismo de Droysen ao argumentar que as políticas de helenização do Oriente e a exploração das culturas nativas impulsionadas pelas dinastias acarretaram numa clivagem e oposição de interesses; dessa forma, isolando as tradições locais. Alguns assíriólogos compactuaram com essa interpretação, afirmando que a Babilônia era “uma ilha ao meio do helenismo” (cf. Lambert, 1965, p. 4; Soden, 2014, p. 147-148 [1954]). Entre os dois extremos, diversos estudos recentes têm ressaltado as nuances e as complexidades do jogo entre transformações e continuidades⁹. Neste texto, tomaremos como objeto a produção intelectual da elite sacerdotal babilônica, inquirindo o modo pelo qual sua cultura escribal, em si resultado de uma longuíssima história de construção, foi afetada pelas tendências literárias da *koiné* helenística.

A consolidação da dinastia selêucida na Babilônia foi realizada por meio, sobretudo, de acordos com a elite babilônica, composta pelos sacerdotes da alta hierarquia do templo de Esagila. Estes foram apontados como retransmissoras do poder imperial, assumindo cargos políticos locais que eram geralmente ocupados por funcionários da corte ou governadores (*šaknū*) (Clancier; Monerie, 2014; 2023). Com isso, um dos principais conjuntos de fontes para compreender o funcionamento imperial é a produção literária dos sacerdotes desse templo, que cultivavam a tradição milenar de escrita cuneiforme em tabletes de argila. Tal tradição não carrega apenas signos e técnicas envolvendo a escrita, mas todo o universo do escriba, o qual chamaremos aqui de cultura escribal, englobando o papel, o status social, o treinamento, as técnicas do ofício e o modo de pensar do escriba¹⁰.

⁹ Para um balanço da historiografia recente, cf. Kosmin e Moyer (2022) e Reghin (2023, p. 23-51).

¹⁰ Para um debate do conceito de cultura escribal, cf. Van Der Toorn (2009, p. 8) e Reghin (2023, p. 68-70). Os estudos acerca da cultura escribal tentam compreender tanto como os escribas são educados e socialmente inseridos quanto como os textos são escritos, editados, transmitidos e recebidos ao longo do tempo em um ambiente pré-prensa (Askin, 2018, p. 21).

Com efeito, a cultura escribal também ditava os gêneros textuais correntes, que compunham as nossas fontes. Parte destes gêneros eram praticados na cultura escribal babilônica por centenas de anos, enquanto outros emergiram somente na segunda metade do primeiro milênio. *Grosso modo*, nossas fontes consistem em textos histórico-literários e inscrições, compostos durante o período selêucida pelos sacerdotes eruditos babilônicos. Cada gênero apresenta fórmulas, temas e objetivos diversos. Considerando o nosso objetivo, basta destacar que os *corpora* de textos históricos babilônicos relatam, principalmente, mas não exclusivamente, os eventos do passado recente envolvendo o rei, o templo e os deuses. Esses *corpora* incluem: as seções históricas dos *Diários astronômicos* (AD)¹¹, as *Crônicas babilônicas* (BCHP)¹², a inscrição real conhecida como *Cilindro de Antíoco* (CA)¹³, a obra historiográfica escrita por Berozo denominada *Babyloniká* (BNJ 680)¹⁴ e a estela posicionada em um dos pátios do templo de Esagila, conhecida por meio do *Tablete Lehmann* (CTMMA 4 148)¹⁵.

¹¹ Seguindo a bibliografia, referiremos a eles como “AD”. Nossas traduções foram realizadas a partir da transliteração e da edição de Herman Hunger e Abraham Sachs (1988), publicadas no banco de dados ORACC (*Open Richly Annotated Cuneiform Corpus*) – disponível em: <http://oracc.museum.upenn.edu/adsd/>. Acesso em: 7 dez. 2024). Para uma introdução atualizada aos *Diários astronômicos*, cf. John Steele (2019).

¹² Utilizamos a transliteração e edição de Irvin Finkel, Robartus van der Spek e Reinhard Pimgruber, disponíveis preliminarmente em: <https://www.livius.org/sources/about/mesopotamian-chronicles/>. Acesso em: 7 dez. 2024). Para uma introdução às crônicas, cf. Jean-Jacques Glassner (2004) e Caroline Waerzeggers (2012).

¹³ Para nossa tradução, utilizaremos a transliteração de Kathryn Stevens (2014), a qual também apresenta a melhor introdução e análise do cilindro. Para uma introdução ao gênero de inscrições reais, cf. Rocio da Riva (2008). As referências às inscrições neobabilônicas seguem aquelas indicadas por Rocio da Riva.

¹⁴ Utilizaremos a edição dos fragmentos e testemunhos organizados por Geert de Breucker, para a nossa tradução, disponível em *Brill's New Jacoby* (BNJ 680). Para informações gerais sobre o autor e sua obra, cf. De Breucker (2013), Stevens (2019, p. 94-120), Reghin (2023, p. 123-126).

¹⁵ A inscrição da estela é transmitida somente por meio de cópias tardias em dois tabletas. Tradicionalmente, eles ficaram conhecidos como *Tablete Lehmann*, devido ao seu primeiro editor, Carl Lehmann-Haupt. Aqui, para a nossa tradução, utilizaremos a transliteração mais recente, publicada por van der Spek e Ronald Wallenfels (2014), como CTMMA 4 148.

Ideologia imperial e estrutura da corte nos textos babilônicos

Neste tópico, identificaremos nos textos indicados os *topoi*, estruturas frasais e vocabulários recorrentes da ideologia selêucida, compreendida como parte da *koiné* helenística. Esses motivos envolvem principalmente os discursos evergéticos (3.1) e a menção a rainhas (3.2) e a amigos (*phíloi*) do rei (3.3). Dessa forma, argumentaremos pela existência de uma certa abertura – bastante seletiva – da cultura escribal e da tradição babilônica para temas caros à política contemporânea. Como no caso de Berozo, os temas incorporados podem ter sido redirecionados para servir a certos projetos locais (para uma introdução a Berozo, cf. Stevens, 2019, p. 117-119 e Van Der Spek, 2008; para uma análise da relação entre a sua composição e a situação política da Babilônia selêucida, cf. Reghin, p. 264-287).

Discurso evergético

O termo evergetismo, proposto no século XX pelo latinista francês André Boulanger, é um neologismo derivado do grego *euergés*, advindo da composição dos radicais *eu*, “bem”, e *érgein* “obra, trabalho, feito” (LSJ 1940, εὐεργῆς), ou seja, o benfeitor. Segundo Domingo Gygax (2016, p. 3-4), o evergetismo era a instituição regente da dinâmica entre a concessão de benefícios e a prestação de honras/agradecimentos, movidas pela expectativa de reciprocidade, geralmente entre a *pólis* e algum indivíduo notável. Durante o período helenístico, o evergetismo adapta-se à ideologia e às instituições das monarquias helenísticas (Gauthier, 1985, p. 39-42). Analisando os modos de expressão do evergetismo selêucida, especialmente a partir das correspondências e inscrições honoríficas, John Ma (1999) identifica uma linguagem própria dessa instituição, a qual possibilita as negociações entre as cidades e os monarcas. Essa linguagem inclui um vocabulário, estruturas frasais e temas recorrentes, visando destacar os interesses compartilhados, a reciprocidade, a magnitude e a generosidade das ações realizadas (Ma, 1999, p. 179-180)¹⁶. Desse modo, a presença de

¹⁶ Ma (1999, p. 193) procura investigar a linguagem – neste caso, aquela atrelada ao evergetismo – dentro de um discurso. Seguindo a teoria dos atos de fala, aplicados à Historiografia pela escola de Cambridge (cf. Pocock, 1973), o autor concebe o discurso como uma linguagem que performa funções no mundo, principalmente ao mediar o

aspectos da linguagem evergética nos textos babilônicos indica o modo pelo qual a cultura escribal local adaptava certas ideias e argumentos ao seu contexto.

Muitos dos termos e tópicos identificados por John Ma estão presentes na *Babyloniká*, obra dedicada à história da Babilônia (do início dos tempos até Alexandre III) escrita em grego e dividida em três livros, cuja composição é atribuída a um certo Beroso, sacerdote do templo de Esagila durante a primeira metade do séc. III. O trecho mais relevante está no livro terceiro (BNJ 680 F 8a), dedicado às reformas de Nabucodonosor na cidade da Babilônia:

(*Nabucodonosor*), adornando (*κοσμήσας*) generosamente (*φιλοτίμως*) o templo de Bel (i.e., o templo de Esagila) e os outros templos com os despojos de guerra, tomou a iniciativa (*ὑπάρχονσαν*) de gratificar (*προσχαρισμένος*) a cidade. Após fortificar notavelmente (*ἀξιολόγως*) a cidade e decorar (*κοσμήσας*) os portões [...] ele construiu outro palácio, próximo àquele de seu pai [...] que, mesmo com seu tamanho exagerado (*ὑπερβολὴν*) e sua magnificência (*ὑπερήφανα*), foi finalizado em 15 dias (tradução de Santiago Reghin).

John Dillery (2013, p. 84-85; 2015, p. 284) e Marjin Visscher (2020, p. 98-99) compararam o vocabulário do fragmento com aquele presente nas inscrições da *póleis* helenísticas que expressam o discurso evergético. As semelhanças são notáveis. O verbo *κοσμέω* [*kosméō*] é um termo muito utilizado em inscrições para descrever as ações de um benfeitor que reforma um edifício e/ou dedica objetos de culto. As palavras originadas pela composição entre *φίλος* [*phílos*] (i.e., estimado, amado) mais *τίμη* [*tímē*] (i.e., honra, oferta) – resultando em algo como “sedento por honras”, “extravagante”, “generoso”, “zeloso”, (*φιλοτίμως*) [*philótímos*] – são componentes centrais para a linguagem do evergetismo, quando visam qualificar a ação de um evergeta. Outros verbos relevantes são *ὑπάρχω* [*hypárkhō*], (i.e., começar, tomar a iniciativa) empregado frequentemente para indicar a boa vontade advinda do próprio monarca em dar início às benfeitorias; e

poder. Nessa concepção, o discurso do evergetismo não é encarado como uma mera artimanha ideológica que esconde os fatos “históricos” sob o manto da linguagem; mas sim toma o discurso – composto por uma linguagem específica – como um fato histórico *per se*, que é influenciado e age sobre outras dinâmicas sociais.

προσχαρίζομαι [*proskharíszomai*] (i.e., gratificar, satisfazer), utilizado para descrever a própria benfeitoria. Ademais, o trecho da *Babyloniká* apresenta outros adjetivos, advérbios e substantivos menos específicos, mas também ligados à linguagem do evergetismo, como ἀξιόλογος [*axiólogos*] (i.e., notável, importante), ὑπερβολή [*hyperbolé*] (i.e., exagerado, excedido, surpreendente) e ὑπερήφανος [*huperéphanos*] (i.e., presunçoso, magnífico, esplêndido)¹⁷. Esses termos já circulavam na epigrafia selêucida no começo do terceiro século¹⁸. Significativamente, o sacerdote utiliza termos recorrentes na fraseologia do evergetismo helenístico contemporâneo para caracterizar benfeitorias realizadas pelo rei Nabucodonossor; em suma, Berozo relê o passado neobabilônico em termos helenísticos.

Não é possível certificar, entretanto, se os termos e motivos presentes nas inscrições evergéticas influenciaram – direta ou indiretamente – a descrição da *Babyloniká*. Seu uso por Berozo pode ter apenas coincidido com os vocabulários das inscrições, sem pressupor que o autor as conhecesse; ou ainda, tal vocabulário pode ter sido adicionado pelos transmissores dos fragmentos da obra (cf. Schironi, 2013), os quais provavelmente eram mais familiarizados com a instituição do evergetismo. É possível também que,

¹⁷ Cf. LSJ, 1940, κοσμέω, προσχαρίζομαι, φιλότιμος, ἀξιόλογος, ὑπάρχω, ὑπερβολή, ὑπερήφανος.

¹⁸ Alguns exemplos citados por Dillery (2015, p. 284), dentre as várias atestações, são: uma inscrição (Rhodes; Osborne, 2007, nº 46 2'-3') descrevendo as benfeitorias realizadas por Polístrato no templo de Apolo Zoster, localizado na demo de Halae Aexonides, em 360, ao decorá-lo (κεκόσμηκεν) de forma zelosa/honrosa (φιλοτίμ[ω]ς). No contexto selêucida, a inscrição sobre as incursões de Antíoco I para suprimir as revoltas na Ásia Menor (Ogis 219 13'-15', nosso itálico) é relevante: “com toda avidez e zelo, ele concomitantemente edificou a paz para com as cidades e conduziu seus negócios e seu reino para uma disposição maior e mais brilhante” (μετὰ πάσης σπουδῆς καὶ φιλοτίμιας ἄμα καὶ ταῖς πόλεσιν τὴν εἰρήνην κατεσκεύ· ασεν καὶ τὰ πράγματα καὶ τὴν βασιλείαν εἰς μειζώ καὶ λαμπρότεραν διάθεσιν ἀγήγοχε) Visscher (2020, p. 98) destaca uma inscrição com o vocabulário mais próximo ao de Berozo. Um decreto do início do período selêucida (I Didyma 480) apresenta Antíoco I, e a sua mãe, Apama, sendo honrados por adornar (κοσμέω) e ceder benfeitorias ao templo de Apolo em Dídimo. A inscrição (I Didyma 480 3'-6', 11'-14') enfatiza Apama, por seu zelo (φιλοτίμως) e boa disposição (εὔνοια); assim, reforçando, como usual nas inscrições do período, a agência das rainhas. Posteriormente, nas inscrições de Antíoco III, κοσμέω, φιλοτίμως, são termos frequentes (Cf. Ma, 1999, nº 16 17', 39'; 17 50'; 24 15'; 44 23'), bem como προσχαρισάμενος (em referência a χάρις,) (Ma, 1999, nº 10 18'; 11 11'; 16 20'; 17 16', 41, 44', 48'; 18 5', 40', 42', 64', 68', 74', 108'; 19 5', 9'; 26 18'; 40 10'), e ὑπάρχουσαν (Ma, 1999, nº 31B II 9').

se Berozo de fato dominasse o discurso evergético, ele fosse um caso isolado. A posição mais prudente é evitar a generalização de caracterizar a *Babyloniká* como representação fiel de tendências gerais da cultura escribal babilônica. Não obstante, outras evidências apontam na direção de que Berozo não estava sozinho.

Uma estela cuneiforme babilônica, transmitida pelo *Tablete Lehmann*, relata, em língua acadiana, o discurso de um chefe-sacerdote do templo (*šatammu*) aos habitantes da Babilônia. Ele agradece ao rei Antíoco II e à rainha Laódice pelas doações de terras e animais à cidade, bem como pela isenção de impostos. Não é apenas o contexto que motivou a produção da inscrição que se assemelha àquelas da Ásia Menor, mas também o vocabulário utilizado¹⁹. A inscrição começa com o sacerdote proclamando o seguinte: “o rei agiu com boa disposição para nós” (*šarru šibûtātū damiqtā ūtepšannašu*). O trecho “agiu com boa disposição” é formado a partir do substantivo *šibûtu* (disposição), do adjetivo *damiqtu* (bom/bem) e do verbo *epēšu* (fazer) (cf. CAD E, p. 206, 218), sendo uma tradução literal do termo grego *eúnoia* – advindos da junção de *εὐ* [eu], “bem”, mais *νόος* [nós], “disposição, pensamento” (LSJ 1940, *εὑνοία*) – comum na linguagem do evergetismo helenístico para qualificar as ações do monarca e evidenciar o favorecimento deste pela comunidade em questão²⁰. Após enunciar as medidas tomadas pelos reis e rainhas selêucidas, a inscrição evoca, mais uma vez, as “benfeitorias (realizadas) diante do povo da Babilônia” (*epēš damāqū ša mār babili*) (CTMMA 4 148, o. 3’, r. 3’). A palavra “benfeitoria” é formada pela substantivação do verbo *epēšu* (fazer), somado ao adjetivo *damiqtu* (bom/bem), uma tradução do grego *euergés*. Ambas as formações atípicas na língua acadiana emergem justamente quando a ci-

¹⁹ Da mesma maneira que as inscrições gregas expressavam as ações do rei em locais públicos relevantes nas *póleis*, o *Tablete Lehmann* demanda que o feito evergético do rei “seja escrito em uma estela de pedra e que a estela seja posicionada na *Ekislabanda de Esagila*” (*ina narū lišṭir u narū ina Ekislabanda ša Esagila lizziz*) (CTMMA 4 148, o. 32’).

²⁰ Agradecemos a Dye Gedhay da Silva pela sugestão do conceito de *eúnoia* para a tradução do termo acadiano. Para alguns exemplos mais relevantes do termo *eúnoia* em inscrições do início do domínio selêucida: OGIS 219 10'-12', 15'-16', 18'-19', 45'-46'; I Didyma 480 3'-6'; RC 12 37'-38'. Por meio do relato de Políbio (7.8.6), ao descrever a relação entre o pretor romano e Hierônimo de Siracusa, percebemos que o termo também aparece nos tratados helenísticos.

dade da Babilônia é governada pela dinastia macedônica. Essa estela em Esagila segue o modo típico de apresentação das ações evergéticas, como as inscrições da Ásia Menor, ao apresentar e honrar as ações do monarca a partir da perspectiva dos cidadãos.

O gênero milenar das inscrições reais mesopotâmicas, diferentemente das inscrições helenísticas, narra os feitos do rei em primeira pessoa. A última inscrição real mesopotâmica conhecida, denominada *Cilindro de Antíoco*, foi encontrada em Borsippa, no início do período selêucida (Sant'anna; Peixoto, 2016). A inscrição relata as reformas dos templos de Esagila e Ezida por Antíoco I, filho de Seleuco. A despeito de sua forma e linguagem tradicional, ela também guarda certas particularidades relacionadas ao contexto helenístico e à ideologia selêucida. O cilindro começa da seguinte forma:

(1') Antíoco, grande rei, (2') rei poderoso, rei da totalidade, rei da Babilônia, rei das terras, (3') provedor de Esagila e Ezida (4') descendente primogênito de Seleuco, (5') o rei, o macedônio, rei da Babilônia, (6') eu sou. Quando meu coração me urgiu⁸ a reforma (7') de Esagila e de Ezida (8') eu moldei¹¹ os tijolos (9') de Esagila e Ezida (10') na terra de Ḫatti (i.e., Síria), com minhas mãos puras e (11') com bom óleo, eu (os) carreguei¹³, (12') visando estabelecer a fundação de Esagila (13') e Ezida (tradução de Santiago Regin).

Conforme as outras inscrições mesopotâmicas, o cilindro inicia-se com os epítetos do monarca e, depois, explicita o tradicional ritual de fabricação de (parte) dos tijolos pelo rei, com suas mãos purificadas. Entretanto, um aspecto inusual no cilindro é a origem da motivação de Antíoco para a reforma dos templos. Normalmente, as inscrições neobabilônicas elencam motivos externos que levaram o rei a realizar benfeitorias, e.g., a ameaça de guerra (cf. NbK C28 i 6'-18') e principalmente o comando de Marduk (cf. NbK C27 i 15'-23'; C31 17'-28'; C33 i 11-16', iii 1'-4'; C34 i 22'-26'). Como diversos pesquisadores notaram (Stevens, 2014, p. 78-9; Haubold, 2013, p. 139; Visscher, 2020, p. 87-90), o cilindro de Antíoco difere nesse quesito. Antíoco afirma (6'-8') que “meu coração me urgiu a reforma de Esagila e Ezida” (*ana epēš Esagila u Ezida libbī ublam*). A deliberação e a motivação pessoal do rei para promover benfeitorias são *topos* frequentes no discurso evergético helenístico. Nesse quesito, termos como *προαίρεσις* [*proairesis*] (i.e., escolha/resolução deliberada), *βούλομαι* [*boúlomai*] (i.e.,

decidir, deliberar) e ὑπάρχω [*hypárkhō*] (i.e., tomar iniciativa, começar) são frequentes (cf. Ma, 1999, p. 188-190)²¹. *Hypárkhō* é um dos termos utilizados por Berozo para descrever o momento em que Nabucodonosor “tomou a iniciativa (ὑπάρχουσαν) de gratificar a cidade” (BNJ 680 F 8a). Assim, mesmo em acadiano e seguindo diversas fórmulas tradicionais mesopotâmicas, a deliberação pessoal atípica do rei no *Cilindro de Antíoco* assemelha-se àquela das cartas e inscrições helenísticas. Até que ponto esse motivo relaciona-se de forma intencional com o discurso evergético é algo difícil de ser estabelecido. Todavia, no próximo tópico, mostraremos outras inovações no cilindro, que, além do discurso do evergetismo, reforçam a possível incorporação de *topoi* helenísticos.

O cilindro ainda prossegue de forma peculiar:

(16') Que Nabû, herdeiro proeminente, (17') o mais sábio dos deuses, o glorioso, (18') aquele que é digno^{19'} de louvor, (19') herdeiro primogênito (20') de Marduk, prole de Erua, (21') a rainha geradora de criaturas, (22') vigie(-me) favoravelmente. (23') No teu comando proeminente, (24') cujo comando não pode ser alterado, (25') que a queda da terra do meu inimigo, (26') que a conquista dos meus triunfos, (27') que (a capacidade de) prevalecer sobre meu inimigo em vitória, (28') que um reinado justo, que um reino próspero, (29') que anos de felicidade (30') e que o gozo da velhice sejam um presente (31') para o reinado de Antíoco (32') e o rei Seleuco (II), seu filho, (33') para sempre. Filho do príncipe, (34') Nabû, herdeiro de Esagila, (35') primogênito de Marduk, (36') prole de Erua, a rainha, (37') na tua entrada^{40'} em Ezida, o templo verdadeiro, (38') o templo da tua divindade mais elevada, lar da benevolência de teu coração, (39') com gozo e júbilo, (40') no seu comando (41') justo, que não pode tornar-se falso, que meus dias sejam longos, (42') que meus anos sejam numerosos, (43') que meu trono seja preservado, que meu reino^{44'} seja duradouro (44') na tua tábua exalada, (45') que estabelece o limite entre o céu e a terra. (46') Que na tua boca pura seja constantemente estabelecido

²¹ Para *proaíresis* (cf. Ma, 1999, nº 10 19'-20', 26B I 10'; 19A 6', 19b 8', 19C 13'; 17 4'-6'; 3 1'-3'; RC 14 13', RC 15 15'-16', RC 22 14'; SEG 36.1218 20'). Para *boúlomai*, (cf. RC 15 25'; MA, 1999, nº 26 A; 28 11').

(47') o meu bem-estar. Que eu conquiste^{48'} as terras do nascer do sol (48') ao pôr do sol. (49') Que minhas mãos se aproximem de seus tributos, (50') e que eu os traga^{51'} para aperfeiçoar Esagila (51') e Ezida (tradução de Santiago Reghin).

Como de costume, depois da seção apresentando os títulos reais e daquela descrevendo as construções, o cilindro finaliza com uma seção dedicada à oração ao deus. Todavia, o tamanho desproporcional dessa seção difere da tradição. Além de adaptar a oração para incluir toda a família real, e não apenas o rei (cf. 3.2), a relação entre o deus (Nabû) e o rei (Antíoco I) desvia da submissão tradicional. Segundo Haubold (2013, p. 140), o tom da inscrição sugere uma negociação. Nesse sentido, Antíoco I introduz uma série de condições – por meio dos verbos no modo precativo (Kouwenberg, 2010, p. 212-216) – apresentadas como possíveis “presentes” (*šeriktu*) de Nabû (25'-30')²². Somente por meio da concessão dessas condições por Nabû que Antíoco I poderia aproximar suas mãos do tributo das terras conquistadas (*qātāya mandattišimū*) e, a partir deles, “aperfeiçoar Esagila e Ezida” (*ana šuklulu Esagil u Ezida*)²³. Tal acordo entre o deus e o rei estabelece a confiança e o benefício mútuo como temas centrais. Assim, o cilindro é parte de um movimento estratégico da ideologia selêucida. A inscrição demanda que Nabû ratifique e mantenha Antíoco como o rei da Babilônia ao vigiar-lhe favoravelmente (*hadiš naplisma*), ao emitir seus comandos inalteráveis (*ina qibītika šīrti ša lā innennū*), na sua “boca pura” (*ina pīka elli*), e ao inscrever o destino do rei na sua tábua do destino (*ina lē'ika šīri*).

Visscher (2020, p. 88-90) relaciona a seção da oração de Nabû, ao focar na reciprocidade, com as cartas e os tratados helenísticos entre os reis e as *póleis*. Mesmo que em grande parte dos casos os reis helenísticos tivessem

²² Até a estratégia de exibir as benfeitorias como um “presente” (*ῶρπεά/šeriktu*) é um recurso utilizado tanto nas inscrições gregas quanto na inscrição babilônica. Exibir as ações imperiais e as retribuições das *póleis* como presentes é uma retórica efetiva, já que retira o foco da relação vertical dominante-dominado para destacar a interação equilibrada de amizade e de benevolência mútua (Ma, 1999, p. 197-198).

²³ O uso dos tributos para aperfeiçoar os templos já era um tema corrente nos textos de Nabucodonosor (cf. CM 24 o. 13', 17', r. 13', 24'; ST ii 36'-38', x 11'-13'), mas também evidente em Beroso (BNJ F 8a), quando descreve os feitos de Nabucodonosor ao retornar de sua campanha contra o Egito. Nesses casos, diferentemente do *Cilindro de Antíoco*, o rei anunciaava já ter utilizado os tributos para adornar o templo.

a capacidade material para exercer o seu poder de forma vertical, uma estratégia mais efetiva era expressar sua relação com as comunidades como um balanço de poder. Os monarcas cediam certas benfeitorias e prometiam muito mais; isso, caso os habitantes zelassem pelo rei e entrassem em harmonia com o reino (Ma, 1999, p. 179-182). A semelhança com o cilindro é clara. Antíoco realiza uma benfeitoria inicial, a reforma dos templos de Ezida e Esagila, e, em seguida, promete outras (o aperfeiçoamento dos templos), com a condição de Nabû aceitá-lo como seu representante e promover-lhe um bom destino. Nesse caso, Nabû age como uma *pars pro toto*, representando os habitantes da cidade perante o império. Substancialmente, o cilindro veicula a legitimação de Antíoco aos habitantes locais, tal qual as inscrições helenísticas (Haubold, 2013, p. 140-141)²⁴.

Nesta seção, restringimo-nos aos aspectos discursivos do evergetismo. Para uma análise das práticas evergéticas, como construções e reformas, doação de terras e participações régias em rituais locais na cidade da Babilônia e Ezida (cf. Reghin, 2023, p. 198-226). Ademais, um tablet cuneiforme de Uruk (YOS 20, 87), recentemente traduzido e publicado por Philippe Clancier e Julien Monerie (2023), registra a compilação e a tradução para o acadiano de documentos gregos da administração selêucida, concernindo sucessivas reformas do templo de Bīt Reš, em Uruk, ao longo do primeiro quartel do século III; desse modo, atestando que as práticas evergéticas selêucidas não se restringiam ao norte da região da Babilônia.

Rainhas

Anteriormente, mostramos diversas convergências da obra de Beroso com a documentação cuneiforme. Nesse quesito, um comentário do autor no livro terceiro tem que ser destacado. Após o trecho relatado no tópico anterior, sobre a campanha de Nabucodonosor contra o Egito e o embelezamento da cidade, Beroso narra a construção de um novo palácio:

Relatar a sua altura e extravagância tomaria, provavelmente, muito tempo; salvo (dizer) que, mesmo com seu tamanho exagerado e sua

²⁴ Rocio da Riva (2008, p. 108) e Barbara Porter (1994, p. 105-117) destacam que os cilindros reais não eram somente enterrados nas fundações, mas poderiam ser vinculados a uma audiência por diversos caminhos.

magnificência, ele foi finalizado em 15 dias. (141) Nesse palácio, ele (Nabucodonosor) erigiu altos terraços de pedra e concedeu-lhes uma aparência muito semelhante ao de montanhas, plantando todo tipo de árvores. (Então), erigiu e abasteceu o assim chamado Jardim Suspenso, por causa da sua esposa, a qual cresceu na região da Média, e ansiava por uma paisagem nessa disposição (i.e., montanhosa) (tradução de Santiago Reghin).

Aqui, Berozo segue a tradição babilônica ao evidenciar o prestígio de Nabucodonosor através do *topos* do rei construtor (Haubold, 2013, p. 166). Contudo, a motivação elencada pelo historiador para a construção do palácio é inusual e não é atestada em nenhum tablette cuneiforme neobabilônico. Berozo explica que a sua estrutura e aparência, com a altura de uma montanha e coberto de jardins, foram feitas para agradar Amytis, a esposa de Nabucodonosor, que sentia saudades da paisagem montanhosa da sua terra natal, a Média. Nenhuma inscrição real ou crônica neobabilônica menciona a esposa de Nabucodonosor. Logo, sua aparição na *Babyloniaká* – seja uma invenção de Berozo, seja precisa historicamente – é relevante. Precisamos ter em vista que a influência de rainhas nas ações dos reis era um *topos* da literatura clássica, principalmente envolvendo o Oriente Próximo (Haubold, 2013, p. 173); como visto nas menções de Semíramis e o rei Nino em Heródoto (1.184-8) e Cтésias (F 1b 7)²⁵. Durante o período helenístico, a atenção dada às rainhas na literatura intensifica-se, resultando em obras como *A Cabeleira de Berenice*, de Calímaco, as diversas histórias sobre a rainha selêucida Estratonice (cf. Ogden, 2017, p. 207-246), e a aparição de Semíramis nas narrativas dos historiadores selêucidas Demodamas (Plínio. *História Natural.* VI, 49) e Megástenes (Estrabão. XV, 1, 6; Arriano (*India.* V, 4-8), entre muitos outros exemplos²⁶.

Seguindo nosso argumento anterior sobre a *Babyloniaká*, é possível que Berozo utilizou-se de motivos e histórias que a audiência helenística poderia entender e mesmo identificar-se, ao mesmo tempo que introduziu o conhecimento tradicional babilônico. Pode-se questionar se tal apa-

²⁵ É importante notar a tendência de inversão dos papéis tradicionalmente atribuídos ao gênero (e.g., a rainha comandando o rei) nos textos clássicos, ligada ao exotismo atribuído às terras do Oriente (Visscher, 2020, p. 73).

²⁶ Cf. Sánchez (2003), com bibliografia.

rição atípica da rainha na narrativa de Berozo seria um caso isolado de um texto escrito em grego por um sacerdote igualmente atípico, ou seria mais uma entre outras evidências que apontariam para uma apropriação de *topoi* helenísticos pela cultura escribal babilônica de forma mais ampla. Novamente, o recurso à documentação cuneiforme permite sustentar a segunda hipótese.

Como na *Babyloniká*, as seções históricas dos *Diários astronômicos* helenísticos contêm diversas menções às rainhas selêucidas, algo que não ocorre nos diários persas e neobabilônicos. Dos vários exemplos²⁷, o caso mais emblemático vem de um trecho do *Diário* de 254 (AD -253 o. B 6'), durante o reino de Antíoco II (261–246). A passagem informa que: “¹a rainha Estratonice morreu em Sardes” (*Stratinike šarrātu ina Sapardu šīmtu ittabalšu*). Além do relato do falecimento de rainhas ser algo inédito nos diários até então, a informação se destaca pelo fato de Estratonice manter seu status de rainha mesmo após a morte de seu marido, Antíoco I, em 261. Outra fonte que apresenta um caso similar, desta vez sobre Estratonice, é o *Cilindro de Antíoco*, mencionado anteriormente. Nas linhas finais, ele relata o seguinte:

(51') Nabû (52') herdeiro primogênito, durante a sua entrada^{53'} em Ezida (53') o verdadeiro templo, (54') que o êxito de Antíoco (I), rei das terras, (55') do rei Seleuco (II), seu filho, (56') Estratonice, (57') sua consorte, a rainha, (58') que o êxito deles (59') seja estabelecido na sua boca (tradução de Santiago Regin).

A menção à família real, incluindo a esposa de Antíoco I, Estratonice, e seu filho, Seleuco II, diverge da tradição de inscrições reais babilônicas, nas quais apenas o rei era mencionado. Além dos diários e do cilindro babilônico, essa rainha aparece constantemente na literatura helenística, principalmente nas narrativas e anedotas de Plutarco (*Demétrio*. 31-32), Plínio (*História Natural*. 7.123) e Apiano (*Síria*. 59-61).

Tais menções diversas às rainhas tornam-se mais compreensíveis quando identificamos suas ações na política imperial. Mais do que um simples *topos* literário, a importância das rainhas na literatura está certamente conectada ao seu papel central nas cortes helenísticas, momento no qual

²⁷ Cf. AD -273, r. 29'; AD -247, o. 4'; AD -187A, r. 5', r. 8'; AD -181, r. 8; AD -178C, r. 21'.

assumem responsabilidades tipicamente associadas aos homens da corte (cf. Strootman, 2021). Algumas rainhas selêucidas, como Laódice, esposa de Antíoco II, receberam grandes quantidades de terras e administram-nas com certo grau de liberdade (Aperghis, 2004, p. 102-103; Capdetrey, 2007, p. 144-145). Seu papel nas relações interestatais também é bem atestado: a circulação de mulheres entre as dinastias, por meio dos matrimônios reais, era uma forma recorrente de estabelecimento de alianças entre as grandes monarquias (Sánchez, 2003). Além disso, as rainhas atuavam como representantes públicas da dinastia e realizavam benfeitorias às cidades, a exemplo de renovações e construções de templos e outras estruturas públicas, isenção de taxas, assim como doação de prata e grãos. Seguindo a dinâmica do evergetismo, essas rainhas são honradas com cultos, estátuas e inscrições pelos locais beneficiários (Visscher, 2020, p. 20-21)²⁸.

Quando comentamos sobre as benfeitorias, a Babilônia parece ter sido uma cidade privilegiada (3.2.3). De acordo com o *Tablete Lehmann* (CTMMA 4 148), as rainhas também tiveram um papel nas bonificações, e foram honradas ao lado dos reis e seus filhos. Desse modo, além de incorporar *topoi* da *koiné* helenística e da ideologia selêucida, os textos acadianos também expressavam o esforço de compreensão, pelos sacerdotes, de uma realidade geo e sociopolítica na qual as rainhas tinham destaque inédito.

Amigos do rei

Além das rainhas, é possível identificar os escribas babilônicos, referindo-se a outras figuras típicas da corte imperial. Nesse caso, novamente, três trechos de Beroso são relevantes. Primeiramente, o segundo livro da *Babyloniaká* descreve que Xiosouthros “não desobedeceu (Ea) e construiu um barco, (com) cinco estádios de comprimento e dois estádios de largura. Ele reuniu tudo que foi ordenado e levou sua mulher, filhos e amigos indispensáveis” (BNJ 680 F 4b). Beroso narra a história do dilúvio de forma similar à versão presente no tableté 11 de *Gilgameš* e no *Atrahasis* (Brandão, 2017, p. 277-292). Na *Babyloniaká*, quando o rei-herói constrói a arca, a mando de Ea, ele embarca animais, sua família e seus “amigos indispensáveis” (*ἀναγκαίους φίλους*). O

²⁸ Como o caso de Apama, esposa de Seleuco I, com os cidadãos e o conselho de Mileto (SEG 4.442, I. Didyma 480). Laódice III, esposa de Antíoco III, é registrada realizando diversas benfeitorias aos cidadãos de lassos (MA, 1999, nº 26).

texto e Berozo, assim, difere de *Gilgameš*, o qual especifica apenas os animais, os consanguíneos e os artesãos levados pelo herói.

Um segundo trecho vem do livro terceiro (BNJ 680 F 8a):

(Quando) Nabucodonosor soube da morte de seu pai, não muito depois, ele organizou os assuntos no Egito e no resto do território, e designou os aprisionados, (sendo os) judeus, fenícios, sírios, e os povos do Egito, a alguns de seus amigos, e (ordenou) trazê-los de volta à Babilônia, junto ao grosso de seu efetivo e o resto dos despojos. Ele mesmo, com seus companheiros, apressou-se e chegou à Babilônia através do deserto (tradução de Santiago Regin).

Aqui, durante as vitórias de Nabucodonosor no Levante, Berozo descreve que esse rei precisou abandonar a batalha por causa da morte de Nabopolassar, seu pai. Então, o rei confiou os cativos, os espólios, e grande parte do seu exército ao comando de seus amigos (*phíloi*). Por último, Berozo explica a morte de Laborosoarchodos (Labaši-Marduk, r. 556 a.C.), bisneto de Nabucodonosor, da seguinte forma (BNJ 680 F 9a): “por demonstrar-se mal-intencionado em muitas ocasiões, seus amigos conspiraram contra ele e espancaram-no (até a morte)”. A *inscrição de Nabonido* (Nbn 3.3 iv 33’-42’) narra de forma similar que Labaši-Marduk “não foi educado de modo apropriado, (e) ascendeu ao trono da realeza contra a vontade dos deuses [...]. A inscrição apresenta uma lacuna no trecho sobre a morte de Labaši-Marduk, impossibilitando a comparação com o trecho da *Babyloniacá* e a identificação dos *phíloi* mencionados pelo historiador.

Os três trechos destacam o papel crucial, na visão de Berozo, dos amigos do rei (*phíloi toū basiléōs*) para a preservação da realeza ao longo da história da Babilônia. As fontes acadianas anteriores ao período helenístico, por sua vez, não fazem menções a tais *phíloi*. A investigação do contexto político e literário contemporâneo a Berozo pode nos esclarecer sobre os conceitos e os agentes por ele elencados para explicar o passado. Os *phíloi* eram personagens recorrentes nas produções literárias das cortes helenísticas. Esse termo indicava os indivíduos mais próximos ao rei. Eles foram essenciais para a manutenção das redes de clientela e ocupavam cargos relevantes, a exemplo de conselheiros, administradores e generais (cf. Strootman, 2007, p. 119-139; Capdetrey, 2007, p. 278-280, 384-394), o que é coerente com a menção aos postos ocupados pelos *phíloi* na *Babyloniacá*. Não era inusual que esses ami-

gos do rei recebessem grandes quantidades de terras como recompensa pelos serviços de excelência, nas quais tinham certa liberdade administrativa. E com efeito, uma crônica babilônica relata uma situação similar.

A *Crônica helenística 16* (BCHP 16 8'-10'), abarca os reinos de Seleuco II, Seleuco III e Antíoco III. Ela relata principalmente a doação de terras, assim como o direcionamento do dízimo (*ešru/dekátē*) a elas referente para as oferendas (*nindabû*) do templo. O obverso, em estado muito fragmentado, registra o seguinte: “ele designou e os bab[ilônios ... para] os amigos do rei, gado [para o satrapa da] terra da Acádia e da terra de Susa [...]” (*iqbi u bāb[ilāya ...] kēn šarri lītu [...] ša māt Akkadi māt Šušan [...]*). Apesar das lacunas, podemos identificar a menção a alguma ação envolvendo os habitantes da babilônia e um “amigo do rei” (*kēn šarri*) – possivelmente a designação ou convocação (*qabûm*) de algum grupo de habitantes para auxiliar tal amigo em alguma tarefa. *Kēn šarri* é uma formação atípica nas fontes mesopotâmicas, apontando para o aparecimento dos *philoī* na crônica. Assim, temos mais uma evidência para a tradução de terminologias helenísticas pela cultura escribal. Outro fator que corrobora a hipótese de que a referência ao *kēn šarri* seja, de fato, a um amigo do rei, é a inscrição analisada no tópico anterior (3.1), transmitida pelo *Tablete Lehmann* (CTMMA 4 148, o. 19'-23'). Ela narra a mesma doação de terra presente nessa crônica. Na inscrição, Seleuco II concedeu a manutenção de campos sob a posse (*šabtu*) de um certo Teógenes e um certo Calímaco. É possível que algum destes indivíduos de nome grego seja o “amigo do rei” comentado na crônica.

Os *philoī* nos textos acadianos não indicam apenas que os escribas se envolviam com tendências literárias e *topoi* helenísticos. Elas apontam que os escribas utilizavam termos e conceitos helenísticos para relatar, em suas narrativas, as posições de prestígio e dinâmicas típicas da estrutura imperial – a qual acabavam por contatar em diversos momentos, conforme visto no tópico 2. Berozo em sua narrativa, parece extrapolar o contexto contemporâneo desses conceitos, ao empregá-los para narrar e compreender o passado imperial babilônico.

Helenização ou tradição?

Retornemos à questão central: a cultura escribal babilônica foi afetada pela *koiné* helenística? Por um lado, a própria reprodução tanto da escrita cuneiforme quanto dos gêneros histórico-literários tradicionais demonstra

que a cultura escribal babilônica, durante o período helenístico, manteve-se em grande parte fiel à tradição milenar mesopotâmica. Por outro lado, tal manutenção não significa que os sacerdotes eruditos não se engajaram – seja no aspecto político, seja no âmbito cultural – com a dinastia selêucida e com a *koiné* helenística. No artigo, apresentamos uma série de *topoi*, conceitos e vocabulários recorrentes na literatura ao longo do mundo helenístico que foram incorporados pela cultura escribal. A partir de sua aparição na *Babyloniaká*, podemos interpretar o engajamento de Berozo com tais motivos como uma estratégia visando conectar-se à audiência helenística. Não obstante, demonstramos que esses mesmos tópicos constam em vários documentos acadianos, evidentemente com uma circulação mais restrita do que a *Babyloniaká*.

Finalmente, propomos que os temas incorporados não eram apenas *topoi* literários, mas também reflexos de características estruturais da corte selêucida, envolvendo a partilha de poder do rei entre sua consorte e seus amigos, bem como as estratégias imperiais para negociar e comunicar-se com as cidades (o evergetismo). Na segunda seção, comentamos que os escribas e sacerdotes de Esagila eram igualmente representantes da cidade da Babilônia e retransmissores do poder selêucida. Tal posição, como membros da elite política local, pode ter sido uma das razões que instigaram o registro estratégico dos sacerdotes sobre o funcionamento da corte helenística nos textos acadianos. Obviamente, compreender os costumes e as organizações selêucidas ofereceria vantagens nas mediações entre os interesses locais e imperiais. O sucesso dos sacerdotes nessa empreitada é, aparentemente, confirmado pela própria maneira em que a corte e o discurso evergético aparecem nos textos. O *Tablete Lehman* e o *Cilindro de Antíoco* não mostram apenas a família real sendo honrada segundo os costumes helenísticos; eles também registram as vantagens materiais cedidas à cidade e ao templo pelo império; algo que, pelo menos em parte, pode ter se dado pela habilidade de negociação dos integrantes de Esagila.

Em síntese, para além da dicotomia entre helenização e isolamento, a análise conjugada de produções literárias gregas e acadianas aponta tanto para a incorporação seletiva e estratégica de temas das primeiras pelas últimas, quanto para o esforço dos sacerdotes babilônicos, a partir de suas ferramentas simbólicas, em compreender e agir sobre e sob as estruturas do mundo helenístico e seus ineditismos.

Documentação escrita

AD: SACHS, Abraham J.; HUNGER, Hermann. *Astronomical diaries and related texts from Babylonia*. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 1988.

BCHP: FINKEL, Irvin L.; SEPKE, Robartus van der; PIRNGRUBER, Reinhart. *Babylonian Chronographic Texts from the Hellenistic Period (BCHP)*; Writings of the Ancient World. Disponível em: <https://www.livius.org/sources/about/mesopotamian-chronicles/>. Acesso em: 23 jul. 2024.

Cilindro da Antíoco: STEVENS, Kathryn. The Antiochus Cylinder, Babylonian Scholarship and Seleucid Imperial Ideology. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 134, p. 66-88, 2014.

CM: GLASSNER, Jean-Jacques. *Mesopotamian chronicles*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004.

CTMMA 4: VAN DER SPEK, Robartus J.; WALLENFELS, Ronald. Copy of record of entitlement and exemptions to formerly royal lands. In: SPAR, Ira; JURSA, Michael (eds.). *The Ebabbar Temple Archive and Other Texts from the Fourth to the First Millennium B.C.* New York: Eisenbrauns, 2014, p. 213-227.

BNJ: WORTHINGTON, Ian (ed.). Brill's New Jacoby. BREUCKER, Geert de. *Babyloniaca from Berozo*. Brill's new Jacoby n. 680. 2013.

I. Didyma: REHM, Albert; HARDER, Richard. Didyma: *Die Inschriften von Albert Rehm*. Vol. II. Berlin: Gebr. Mann, 1958.

Inscrições neobabilônicas: DA RIVA, Rocio. *The Neo-Babylonian Royal Inscriptions: An Introduction*. Münster: Ugarit Verlag, 2008.

OGIS: DITTENBERGER, Wilhelm. *Orientis Graeci Inscriptiones Selectae*. Leipzig: S. Hirzel, 1903-1905.

RC: WELLES, Charles B. *Royal Correspondence in the Hellenistic Period*. New Haven, CT: Yale University Press, 1934.

SEG: CHANIOTIS, Angelos; CORSTEN, Thomas; PAPAZARKADAS, Nikolaos; TYBOUT, Rolf. *Supplementum Epigraphicum Graecum*. Leiden: Brill Publishers, 1923.

YOS 20: DOTY, Timothy L; W. *Cuneiform Documents from Hellenistic Uruk*. Yale Oriental Series, Babylonian Texts, vol. 20. New Haven and London, Yale University Press, 2012.

Referências bibliográficas

- APERGHIS, Gerassimos George. *The Seleukid Royal Economy: The Finances and Financial Administration of the Seleukid Empire*. Cambridge: Cambridge University Press/New York: [s.n.], 2004.
- ASKIN, Lindsey A. *Scribal Culture in Ben Sira*. Leiden: Brill, 2018.
- BREUCKER, Geert De. Berossos: His Life and His Work. In: HAUBOLD, Johannes; LANFRANCHI, Giovanni B.; ROLLINGER, Robert *et al.* (eds.). *The world of Berossos: proceedings of the 4th International Colloquium on “The ancient Near East between classical and ancient oriental traditions”*, Hatfield College, Durham 7th – 9th July 2010. Wiesbaden: Harrassowitz, 2013, p. 15-28. (*Classica et orientalia*, Bd. 5).
- CAPDETREY, Laurent. *Le pouvoir séleucide: territoire, administration, finances d'un royaume hellénistique (312-129 avant J.-C.)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2007. (Collection Histoire)
- CLANCIER, Philippe; MONERIE, Julien. Les sanctuaires babyloniens à l'époque hellénistique. Évolution d'un relais de pouvoir. *Topoi : Orient-Occident*, v. 19, n. 1, p. 181-237, 2014.
- DILLERY, John. Berossos' narrative of Nabopolassar and Nebuchadnezzar II from Josephus. In: HAUBOLD, Johannes; LANFRANCHI, Giovanni B.; ROLLINGER, Robert *et al.* (eds.). *The world of Berossos: proceedings of the 4th International Colloquium on “The ancient Near East between classical and ancient oriental traditions”*, Hatfield College, Durham 7th – 9th July 2010. Wiesbaden: Harrassowitz, 2013, p. 75-97. (*Classica et orientalia*, Bd. 5)
- _____. *Clio's other sons: Berozo and Manetho: with an afterword on Demetrius*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2015.
- ECKSTEIN, Arthur M. *Mediterranean anarchy, interstate war, and the rise of Rome*. Berkeley: University of California Press, 2006. (Hellenistic culture and society, 48)
- GAUTHIER, Philippe. *Les Cites Grecques Et Leurs Bienfaiteurs (Ive-Ier Siecle Avant J.-C.): Contribution a l'Histoire Des Institutions*. Paris: École française d'Athènes, 1985.
- GLASSNER, Jean-Jacques. *Mesopotamian chronicles*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2004. (Writings from the ancient world, n. 19)
- GYGAX, Marc Domingo. *Benefaction and rewards in the ancient Greek city: the origins of euergetism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

- HAUBOLD, Johannes. *Greece and Mesopotamia*: dialogues in literature. New York: Cambridge University Press, 2013. (W. B. Stanford Memorial Lectures)
- HOLT, Frank L. *Thundering Zeus*: The Making of Hellenistic Bactria. London: University of California Press, 1999.
- KOSMIN, Paul J. Seeing Double in Seleucid Babylonian: Rereading the Borsippa Cylinder of Antiochus I. In: MORENO, Alfonso; THOMAS, Rosalind (eds.). *Patterns of the Past*: Epitēdeumata in the Greek Tradition. Oxford: Oxford University Press, 2014, p. 173-198.
- _____. *Time and Its Adversaries in the Seleucid Empire*. Cambridge/London/England: Harvard University Press, 2018.
- KOSMIN, Paul J.; MOYER, Ian (eds.). *Cultures of Resistance in the Hellenistic East*. Oxford: Oxford University Press, 2022.
- KOUWENBERG, Bert N. J. C. *The Akkadian verb and its Semitic background*. Winona Lake, Ind: Eisenbrauns, 2010. (Languages of the ancient Near East, 2)
- LAMBERT, Wilfred. G. Nebuchadnezzar King of Justice. *Iraq*, v. 27, n. 1, p. 1, 1965.
- MA, John. *Antiochos III and the cities of Western Asia Minor*. London/New York: Oxford University Press, 1999.
- MONERIE, Julien. *L'économie de la Babylonie à l'époque hellénistique (IVème – IIème siècle avant J.C.)*. Berlin/Boston: De Gruyter, 2018.
- MONERIE, Julien; CLANCIER, Philippe. A Compendium of Official Correspondence from Seleucid Uruk. *Altorientalische Forschungen*, v. 50, n. 1, p. 1-20, 2023.
- MOYER, Ian S. *Egypt and the limits of Hellenism*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2011.
- OGDEN, Daniel. *The Legend of Seleucus*: Kingship, Narrative and Mythmaking in the Ancient World. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2017.
- POCOCK, John. G. A. Verbalizing a Political Act: Toward a Politics of Speech. *Political Theory*, v. 1, n. 1, p. 27-45, 1973.
- PORTER, Barbara N. *Images, Power, and Politics*: Figurative Aspects of Esarhaddon's Babylonian Policy. Philadelphia: Amer Philosophical Society, 1994.
- PRÉAUX, Claire. *Le monde hellénistique*: La Grèce et l'Orient de la mort d'Alexandre à la conquête romaine de la Grèce 323-146 avant J.-C. 6. éd. Paris: Presses Univ. de France, 2003.

REGHIN, Santiago. C. *A Babilônia e a formação dos selêucidas: impactos da integração imperial na elite local e na cultura escribal (sécs. IV e III a.C.)*. Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-graduação em História Social – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

SANCHÉZ, Anne Bielman. Régner au féminin. Réflexions sur les reines attalides et séleucides. In: PROST, Francis (dir.). *L'Orient méditerranéen de la mort d'Alexandre aux campagnes de Pompée*. Cités et royaumes à l'époque hellénistique. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2003, p. 41-64.

SANT'ANNA, Henrique Modanez de.; PEIXOTO, Raul Vitor Rodrigues. Antíoco I, grande como Ciro e Dario, ou a realeza babilônica revisitada: uma abordagem intercultural de três textos régios antigos. *Anos 90*, v. 23, n. 43, 269-284, 2016.

SCHIRONI, Francesca. The Early Reception of Berossos. In: HAUBOLD, Johannes; LANFRANCHI, Giovanni B.; ROLLINGER, Robert *et al.* (eds.). *The world of Berossos: proceedings of the 4th International Colloquium on “The ancient Near East between classical and ancient oriental traditions”*, Hatfield College, Durham 7th – 9th July 2010. Wiesbaden: Harrassowitz, 2013, p. 15-28. (Classica et orientalia, Bd. 5)

SODEN, Wolfram v. *Herrscher im Alten Orient*. Berlin: Springer Berlin, 2014.

STEELE, John. The Early History of the Astronomical Diaries. In: HAUBOLD, Johannes; STEELE, John; STEVENS, Kathryn (eds.). *Keeping Watch in Babylon*. Leiden: Brill, 2019, p. 19-52.

STEVENS, Kathryn. The Antiochus Cylinder, Babylonian Scholarship and Seleucid Imperial Ideology. *The Journal of Hellenic Studies*, v. 134, p. 66-88, 2014.

_____. *Between Greece and Babylonia: Hellenistic Intellectual History in Cross-Cultural Perspective*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2019.

STROOTMAN, Rolf. *The Hellenistic Royal Court. Court Culture, Ceremonial and Ideology in Greece, Egypt and the Near East, 336-30 BCE*. PhD Thesis, Utrecht university, Utrecht, 2007.

_____. *The Seleukid Empire between Orientalism and Hellenocentrism: Writing the History of Iran in the Third and Second Centuries BCE*. p. 1-20, 2012. Disponível em: https://www.academia.edu/8399115/The_Seleucid_Empire_Between_Orientalism_and_Hellenocentrism_Writing_the_History_of_Iran_in_the_Third_and_Second_Centuries_BCE_2012_. Acesso em: 20 abr. 2025.

_____. From Culture to Concept: An Introduction to Persianism (2017). In: VERSLUY, Miguel J.; STROOTMAN, Rolf (eds.). *Persianism in Antiquity*. Franz Steiner: Stuttgart, 2017.

_____. Women and dynasty at the Hellenistic imperial courts. In: CARNEY, Elizabeth Donnelly; MÜLLER, Sabine (eds.). *The Routledge companion to women and monarchy in the ancient Mediterranean world*. London/New York: Routledge/Taylor & Francis Group, 2021, p. 333-346.

VAN DER SPEK, Robartus J. Berossus as a Babylonian chronicler and Greek historian. Studies in ancient Near Eastern world view and society, Presented to Marten Stol on the Occasion of his 65th Birthday, 2008, p. 277-318.

_____. Seleukos, self-appointed general (strategos) of Asia (311-305 B.C.), and the satrapy of Babylonia: The Age of the Successors (323-276 BC). Leuven en Brussel. In: HAUBEN, Hans; MEEUS, Alexander (eds.). *The Age of the Successors and the Creation of the Hellenistic Kingdoms (323-276 B.C.)*. Leuven: Peeters Publishers, 2014, p. 323-342.

VAN DER TOORN, Karel. Scribal culture and the making of the Hebrew Bible. 1. Harvard Univ. Press paperback ed. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2009.

VISSCHER, Marijn. *Beyond Alexandria*: literature and empire in the Seleucid world. New York: Oxford University Press, 2020.

VLISSOPOULOS, Kostas. *Greeks and Barbarians*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2013.

WAERZEGGERS, Caroline. The Babylonian Chronicles: Classification and Provenance. *Journal of Near Eastern Studies*, v. 71, n. 2, p. 285-298, 2012.